

# O FIGUEIROENSE

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DO CONCELHO DE FIGUEIRO DOS VINHOS

PROPRIEDADE DO CENTRO REPUBLICANO CINCO DE OUTUBRO

Editor  
 José Francisco da Silva  
 Director e Administrador  
 Joaquim dos Santos Granada  
 O Secretario  
 Artur de Paiva Furtado

## Preço do jornal

(Decreto n.º 6:703 de 24 de junho ultimo)  
 cada numero—cinco centavos

Annunciam-se as obras das quaes se recoba um exemplar

## Publica-se aos sabbados

Administração, composição e impressão na typographia do

**CENTRO REPUBLICANO**

Rua da Agua — FIGUEIRO DOS VINHOS

## PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS

### Preços convencionaes

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director  
 Originæes sejam ou não publicados não se restituem  
 Annuncios permanentes e communiçados preços convencionaes

# O SR. CUNHA LEAL

Se fossemos susceptíveis de vaidades, sim, se mais alto não fosse o nosso objetivo e se mais patrióticos não fossem os nossos propositos era bem de molde a embaidecer-nos a iniciativa que tomamos de convidar o sr. Cunha Leal a sair do ministerio, donde, á hora que escrevemos, deve ter sido verdadeiramente escorraçado.

Depois da «cruz» das suas celeberrimas propostas de Finanças que motivaram os nossos ataques e levantaram os mais justificados protestos de indignação em todo o paiz veio o celebre «calvario» da Agencia Financeira onde o sr. Cunha Leal agonisa extrondosamente perante a repulsa de muitos e a indignação de todos num desastrado final de vida publica que nos chega a causar dó.

De nada valeram a sua ex.ª os trucs de que ainda procurou lançar mão para desvirtuar os verdadeiros propositos da sua celebre circular aos bancos, sem que abria um concurso onde afinal só podia concorrer o anterior concessionario da cubizada Agencia!

Toda a imprensa se revoltou indignada contra essa nova attitude do ministro, que o nosso illustre colega *O Seculo* bem justamente classificou de **Mistificação**, referindo-se a ela em termos que deixaram desautorado o seu infeliz auctor e que, com a venia devida, muito nos apraz reproduzir na integra:

«O caso da Agencia Financeira do Rio de Janeiro não pôde passar, como qualquer outro, sem uma larga discussão, tanto da operação que se quiz realizar como de tudo quanto ocorreu desde a assinatura do contrato de 31 de maio de 1919. No lapso de tempo, relativamente curto, decorrido desde essa infeliz data, a moeda portugueza desvalorisou-se, trazendo ao povo a miseria e ao Estado a angustia de uma situação financeira pavorosa. O cambio sobre Londres desceu de 30 a 5, e isto significa que a libra, o ouro, a medida ou estalão da moeda, valendo

então 8\$00, passou a valer 48\$00. Se as contas do Estado ficaram desequilibradas em condições taes que nenhum novo sistema tributario pôde remediar, o mesmo succedeu ás contas dos particulures. As medidas economicas e financeiras que esta situação reclama são complexas, mas não impossiveis. Exigem, porém, ciencia, energia e ponderação, qualidades que, positivamente, o sr. Cunha Leal não mostra possuir. As suas palavras, os seus atos, a sua violencia produzem a desordem e a perturbação e criam, por consequencia, um ambiente desfavoravel á serenidade e ao estudo, que são indispensaveis para resolver o problema.

Hontem um jornal da manhã dizia saber de fonte autorizada que a deliberação do concelho de ministros, relativa á Agencia Financeira do Rio de Janeiro se limitou á denuncia do contrato; e outro, pretendendo assentar o mesmo pensamento informava que, de positivo, apenas havia a denuncia do contrato, acrescentando que o sr. ministro das Finanças considera a circular enviada ás casas bancarias e Bancos *sómente como um pedido de elementos a colher para a elaboração das bases futuras, que tem de ser presentes ao Parlamento.*

Estas noticias, de caracter officioso, significam que o sr. Cunha Leal tergiversa e procura recuar, precisamente no momento em que toda a retirada é impossivel.

Não é verdade que a circular fosse uria consulta, um pedido de pareceres aos Bancos sobre as condições da adjudicação da Agencia Financeira. A circular é insofismavelmente um convite aos Bancos para que apresentem as suas propostas, indicando—dentro das bases estabelecidas pelo sr. Cunha Leal—as condições em que aceitariam a adjudicação dos serviços da Agencia, fariam os dois primeiros emprestimos de 600:000 libras cada um, e, depois, os que mais fossem precisos, e colocariam bilhetes do tesouro no Brazil. As propostas deveriam ser apresentadas até ao dia 9, domin-

go vespera da abertura do Parlamento, e abertas ás 16 horas, perante os interessados, o ministro e os directores geraes da Fazenda e Contabilidade publicas.

As condições indicadas na circular eram *bases* para o *contrato a realizar* e o quantitativo de bilhetes do tesouro no Brazil e manutenção desse quantitativo *condição de preferencial!*

Para que, nada faltasse do que caracteriza um concurso até á abertura das propostas, era revestida de solenidade e garantias que só em taes occasiões se costumam e devem praticar.

O subterfugio que o sr. Cunha Leal imaginou agora, como ultimo meio de salvação, não pode ser recebido pela opinião publica senão com a maior repulsa. A mistificação não chega mesmo a ser uma habilidade, porque só serve para pôr ainda mais a descoberto as intenções primitivas do ministro, sobre as quaes ninguém se ilude. E o Parlamento, no exercicio das nobres funções de representante da Nação, lhe dirá até que ponto é licito usar de taes processos.

A verdade é que o sr. Cunha Leal não contou com este enorme, irresistivel, movimento de opinião, julgando que tudo se passaria como da primeira vez, quando foi assinado o ruinossissimo contrato de 31 de maio de 1919. Mas o povo portuguez soube tirar agora da seu proprio sofrimento a energia sufficiente para dizer—*basta!*

Os manejos feitos, desde meado de 1920, para fomenlar o descredito dos banqueiros e Bancos nacionaes não ligados a esse monstruoso contrato, a propaganda em que devem fiilar-se as corridas e o panico do publico ingenuo, o empenho com que se inutilisaram os esforços do ministerio Granjo para poupar ao paiz o desembolso de somas enormes em ouro, assegurando, ao mesmo tempo, o fornecimento de trigos nas melhores condições de preço, e, por ultimo, ainda as palavras inconcebiveis preferido pelo sr. Cunha Leal no Porto, sobre um pretendido auxilio prestado pelo governo á praça, tudo isto teve como consequencia a fixação dos cambios na baixa divisa em

que se encontram e veio a terminar no projeto de uma nova adjudicação da Agencia Financeira aos mesmos, embora com mascara diversa, que a tiveram nas mãos até agora.

Pesam sobre o sr. Cunha Leal tremendas responsabilidades. Não é justo que as queira dividir pelos seus colegas do ministerio, quando estes claramente só tinham votado a denuncia do contrato.

O sr. Cunha Leal ainda não está consciente da situação. Pensa, talvez, que todos os argumentos se exgotaram e que nada mais haverá a dizer sobre este momento assunto. A discussão e a critica, neste caso, são uma obra de saneamento, precisa para que a atmosfera em que vivemos não se torne completamente irrespiravel. Conte o sr. Cunha Leal com o muito que ha ainda a desvendar e tornar publico e siga o unico caminho que os interesses da Nação indicam.»

## Incorporação de recrutas

Com o fim de comprimir as despesas do ministerio da Guerra e procurar, quanto possivel, que na epoca de ano em que mais se tornam precisos aos serviços agricolas estejam disponiveis os homens que são chamados ás fileiras pelo mesmo ministerio foi determinado o seguinte:

A incorporação de recrutas, que devia realizar-se de 12 a 15 do corrente mez, só se efetua de 1 a 4 de março proximo; a segunda incorporação da infantaria que devia realizar-se de 12 a 15 de maio, realiza-se de 5 a 8 do mesmo mez; a instrução do primeiro contingente de infantaria termina em 27 de abril e a do segundo contingente em 27 de junho. A instrução da infantaria é reduzida de 15 semanas a 8; a da cavalaria, de 30 a 20; a da engenharia, de 25 a 20; a da artilharia, de 20 a 15; a das tropas de serviço de saúde e veterinaria, de 25 a

15, e das tropas de administração militar de 15 a 10.

Desta forma, estará concluida toda a instrução de recrutas das diversas armas em 30 de julho, com exceção das de cavalaria e engenharia, que terminam em 18 de julho

## Pela nossa Camara

Reuniu recentemente a digna Camara Municipal deste concelho para a eleição da respectiva mesa e Comissão Executiva que ficaram assim constituídas:

- Presidente da Camara*  
 Joaquim d'Araujo Lacerda Junior  
*Vice presidente*  
 Joaquim Carlos da Silva Graça  
*Secretario*  
 Alfredo Corrêa de Frias  
*Vice secretario*  
 Demetrio José Alfaca  
**COMISSÃO EXECUTIVA**  
 Manoel dos Santos Abreu  
 José Manoel Godinho  
 Artur Sequeira de Carvalho  
 João Pedro Godinho  
 José Pedro dos Santos

## Serviço da administração

*Dignaram-se remeter nos ditretamente a importancia de suas assinaturas os nossos assinantes em seguida inscritos, a quem muito agradecemos este favor, pedindo a todos que secundem o louvavel exemplo dado por estes, para nos evitarem as grandes despesas de cobrança.*

- Francisco Fernandes Simões, Plymouth Mass—America do Norte—2 anos de dezembro de 1920 a dezembro de 1922.  
 Joaquim Marques Junior, Rio de Janeiro; 1 ano de assinatura de janeiro de 1921 a 1922.

# CRONICA DE LISBOA

Reabriu S. Carlos. E' esta a nova palpitante da vida artistica e mundana de Lisboa.

Por uns momentos, esquece-se a carestia de tudo, as terribes propostas de finanças e os boatos alarmantes que vão correndo. Reabriu S. Carlos.

E' uma vida que resurge; é uma sociedade dispersa que de novo se reúne e tornam-se a encontrar ali pessoas que desde que o nosso teatro lirico fechara as suas portas, nunca mais tinham aparecido. Veem-se mais cabelos brancos e mais rugas. Passaram anos... desfizeram-se illusões... Mas não falemos em coisas tristes.

S. Carlos reabriu as suas portas e a vida mundana renasce em Lisboa. Está na mesma, desde o salão de entrada, a que ironicamente chamaram a Padaria Taboense pela policromia das suas ornamentações, até ao grande tapete que cobre por completo a sala dos espectáculos e appareceu de surpresa, em certa noite, em que alguns políticos exaltados projectavam uma pateada a El-Rei D. Carlos, por causa da celebre questão dos tabacos que deu origem á desistência progressista. Ainda me lembro que nessa noite, cantou o Lohengrin o grande tenor Vinãs, o genial interprete da obra de Wagner, artista e musicografo distinto, cujo nome é sempre recordado com saudade. Reabriu S. Carlos, a companhia é esplendida e anuncia-se o Parsifal que pela primeira vez se ouve no nosso teatro lirico. A eterna poesia das lendas cristãs do Santo Graal, vai dentro em pouco tornar-se conhecida entre nós, onde apenas as orquestras de Viana da Mota, o nunca esquecido David de Sousa, Pedro Blanch e João nos teem dado de vez em quando o prazer espirital de admirar as belas paginas do Encantamento de Sexta-Feira Santa, o Preludio a scena das Flores Encantadas dos Jardins de Klingsor, e outros trechos da obra do grande mestre. Apesar da anciãdade com que era esperada a reabertura de S. Carlos, que dolorosa impressão eu senti quando ali voltei. Quantos mortos me recordaram então, ao ver os seus logares occupados por... —sabe-se lá por quem— gente desconhecida, novos assinantes que em duas recitas, pagam tanto, como os antigos assinantes pela época toda. Julguei ver ainda o conselheiro Alpoim, muito alto, muito corpulento, erguer-se e curvar-se reverente deante das rainhas, ou voltar as costas amuado á tribuna real, se o rei vinha só. Julguei ainda vel-o a retorcer o pequeno bigode louro e conversar com ele alegremen-

te, como sempre o via, o antigo director das novidades, Barbosa Colen e seu inseparavel amigo e colaborador Melo Barreto hoje, uma figura em destaque no partido democratico. Quem não apparece este ano é um antigo deputado que no meio dos seus discursos via com desprazer que os colegas tinham abandonado a sala.

—«Requeiro a contagem» dizia ele. O sr. presidente tocava a campainha, mas... os deputados, nem todos voltavam e s. ex.<sup>a</sup> não podia continuar no uso da palavra. Fazia lembrar aquele prégador que maçava o auditorio, até que em certo dia vendo o sacristão que os fieis o tinham deixado só, foi apagar as velas, fechou as portas e chegando ao pé do pulpito disse-lhe: «o sr. cura quando acabar o sermão, saia pela porta do quintal que eu deixo-lhe aqui a chave». S. ex.<sup>a</sup> este ano não está; subiu, subiu muito.

«Grimper par ruse?... Non! exclama Cyrano. Isso passou, com as saias de balão.

Mudaram as convicções e mudou o vestuario. Veem-se agora em S. Carlos, fatos de passeio, jaquetão castanho, chapéu de cores, o que produz um pessimo efeito, ao lado de uma senhora vestida de brocado. Extraordinario contraste! Os homens entenderam que haviam de ir ouvir o Borgioli, com o mesmo fato, com que trataram dos seus negocios; o luxo porém, na mulher, refinou a tal ponto que se veem vestidos inteiros de brocado a cem mil réis o metro, guarnecidos com applicações e contas douradas. O decote que noutros tempos, só se via nos camarotes, generalizou-se de tal forma, que nenhuma senhora leva hoje um vestido afogado. Lembro-me que uma vez appareceu na plateia uma pessoa nova, toda decotada.

E' homem disse uma voz; outra respondeu ao longe: é homem. Dentro em pouco estavam todos de pé a fazer comentarios. Vinha proximo o carnaval e tomou-se á creatura por uma mascara.

O pano de boca abriu, para continuar o espectáculo, tudo serenou e a figura misteriosa desapareceu. O penteado continua a ser o mesmo monete saliente, mais baixo que no ano passado, mas deixando sempre a nuca a descoberto. A pele da moda este ano é a de macaco, mas não aconselho ninguem que a use. Sou catolica, não compartilho das teorias de Darvin e entendo, por esse motivo que quem não quer ser urso não lhe veste a pele. De macaco se vestem afinal todos os imitadores, todos aqueles que querem pare-

cer o que não são. Nem é preciso vestir-lhes a pele: basta ver a habilidade, com que trepam certos individuos para comprehendermos que estão fazendo o papel de macacos. E para trepar,—a tout seigneur, tout homme—em primeiro logar, estão sempre os politicos.

1921.

ELCIA ORMOTINE

## Novo jornal

Encetou a sua publicação em Lisboa um novo jornal «A Mocidade» órgão do grupo Exeursionista a Mocidade, quinzenario illustrado, sportivo, teatral, tauromaquico e anunciador tendo a sua redação e administração na rua dos Mouros, 40—2.º.

Apresenta-se bem redigido e informado enviando-nos o seu primeiro numero, que agradecemos, estabelecendo a respectiva permuta e desejamos ao novo colega larga vida e todas prosperidades de que é digno.

## Pagamento de contribuições

Prevenimos os nossos presados leitores que estão já em cobrança na recebedoria deste concelho todas as contribuições do Estado com excepção apenas da predial rustica e Industrial.

Só estas duas contribuições—a predial rustica e a industrial é que são cobradas em fevereiro; as restantes contribuições são, como nos anos anteriores, cobradas no presente mez sendo relaxadas, logo que ele termine, as que se não pagarem.

## Miserias da emigração

### Os portuguezes no Hawaii

Pelo Commissariado Geral dos Serviços da Emigração foi hontem fornecida á imprensa a seguinte nota officiosa:

«Por comunicação do Consulado Geral em Honolulu (Hawaii), sabe-se que as condições de vida e de trabalho naquelle territorio contra-indicam, em absoluto, qual-

quer tentativa de migração portugueza para ali. A vida é mais cara do que no continente americano, de onde o Hawaii está dependente, no que respeita ao abastecimento de viveres. Os salarios são tambem ali manifestamente inferiores. Um trabalhador rural, sem conhecimentos tecnicos da especialidade, condição em que se encontra a maioria dos nossos emigrantes, vence apenas 30 dollars mensaes, com alojamento, agua, lenha e tratamento medico, tudo fornecido pelos proprietarios das plantações em que se empregam. Estas são de cana sacarina e de ananazes, visto outras já ensaiadas, como a cerealifera e horticola não terem obtido resultados satisfatorios. Da baixa profunda nos ultimos mezes, no preço do assucar resultou a recusa de aumento de salarios pedido pelos trabalhadores, e d'ahi a declaração de greves insolúveis. Os trabalhadores portuguezes, ou de origem portugueza, teem partido para a California, como unica forma de procurarem remedio para a sua triste situação.»

## Sindicato Agricola

A Administração do Sindicato Agricola desta vila, encomendou e já recebeu um vagon de superfosfato a 12<sup>o</sup> l., que é o adubo fertilizante por excellencia, o qual devidirá pelos seus associados que o requisitem no prazo de 8 dias a contar da data deste jornal e cujo preço é pago no acto da requisição.

## Festa de S. Sebastião

Realisa-se no proximo domingo 23 do corrente nesta vila a festa de São Sebastião que consta de missa cantada e sermão, que é prégado pelo reverendo padre Oliveira, de Arega, arraial, venda de fogaças, bailados, etc., etc.

As novenas já começaram na passada sexta-feira sendo bastante concorridas.

A'manhã, domingo, pelas 17 horas na ocasião da novena, haverá tambem uma conferencia religiosa pelo reverendo paroco desta freguezia padre João Antonio d'Almeida Inglez.

**AUTOMOVEL** tem para alugar o dr. Adalberto do Amaral, de Figueiró dos Vinhos.

## Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO  
DOS VINHOS

2.ª publicação

**P**ELO Juizo de Direito desta comarca e cartorio do segundo officio, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação deste anuncio, citando os interessados ausentes em parte incerta, Alberto Joaquim e Albano Lourenço, para assistirem a todos os termos até final do inventario orfanologico a que se procede neste Juizo por obito de José Joaquim Junior, morador que foi no lugar da Povia, desta comarca, sob pena de revellia e sem prejuizo do andamento deste inventario.

Figueiró dos Vinhos, 23 de outubro de 1920.

O Juiz de Direito,

*Pereira de Carvalho*

O escrivão do 2.º officio

*Fernando Guedes da Silva*

## CASA

Vende-se uma morada de casas com lojas e primeiro andar, bem situadas nesta vila.

Dão-se esclarecimentos nesta redação.

Palha,

Fenos,

Cereaes,

Carvão vegetal  
e Azeite

Vendo aos melhores preços.

Entrega imediata em wagons propriedade particular.

*Ana da Silva Mendes*

Rocio d'Abrantes

(Porto, R. do Freixo,  
1794 a 1800

FILIAES } R. Garrett, 52  
a 58

(Lisboa, R. Assunção  
57—3.º